



A ‘Pedagogia do ser e fazer’ em *Os Trabalhos e os Dias*

*José Joaquim Pereira Melo**

Resumo: A proposta é analisar a concepção de trabalho de Hesíodo em *Os Trabalhos e Os Dias* e abordar os referenciais de sua relação entre trabalho, virtude e justiça. A fonte é: *Os Trabalhos e Os Dias* e análise contemporânea de sua obra, já consagrada. Entende-se que as necessidades materiais, comuns e aceitas no mundo rural de então, motivaram-no a defender o trabalho como meio de transformação social e de superação do contexto desolador em que vivia o camponês. Seu interlocutor explícito era Perses, com o qual estava em litígio de herança, mas os conselhos e ensinamentos morais, éticos e espirituais de exaltação do labor adquiriram dimensão coletiva. Ao desvendar a vida do trabalhador dos campos, com sua cultura e seu respeito pela natureza, Hesíodo retirou-o do anonimato e exaltou-o como um novo herói que, mediante o trabalho, dominava a natureza, colocando-a a seu favor. Com sua ‘pedagogia do ser e fazer’, desalojou o tradicional guerreiro aristocrata, que obtinha a honra e a glória nos campos de batalha, e cantou o novo herói do trabalho, ecoando uma voz que já não podia ser ignorada ou silenciada.

Palavras-chaves: Hesíodo; Educação; Trabalho; Justiça; Virtude

* Doutor em História e Sociedade pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP- Campus Assis/SP. Professor do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá – UEM-PR. E-mail: pereirameloneto@hotmail.com. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1162692992302307>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0743-8000>.

The 'Pedagogy of being and doing' in *Hesiod's Work and Days*

Abstract: Current paper analyzes the concept of work in Hesiod's *Works and Days* and undertakes the relationship between work, virtue and justice. The source comprises *Works and Days* and the contemporary analysis of the already acknowledged masterpiece. It should be emphasized that common material needs accepted within the agricultural world of the time motivated him to defend work as a mean of social transformation and the overcoming of the desolating context in which the peasant lived. The poem's overt interlocutor is Perses, with whom he was in conflict over an inheritance, but warnings and moral, ethical and spiritual teachings on the praise of labor attained a collective stance. Revealing the peasant's life, with his culture and respect for Nature, Hesiod retrieved from anonymity and exalted the peasant as a novel hero who, through labor, dominated Nature and placed it in his favor. Through his 'pedagogy of being and doing', Hesiod replaced the traditional aristocratic warrior who obtained honor and glory in the battlefields, and sung the new worker hero, emitting a voice that would be neither ignored nor silenced.

Keywords: Hesiod; Education; Work; Justice; Virtue.

La 'Pedagogía del ser y del hacer' en *Las Obras y los Días*

Resumen: El artículo analiza el concepto de trabajo en *Los trabajos y los días* de Hesíodo y emprende la relación entre trabajo, virtud y justicia. Nuestra fuente comprende *Los trabajos y los días* y el análisis contemporáneo de la obra ya reconocida. Cabe destacar que las necesidades materiales comunes aceptadas dentro del mundo agrícola de la época motivaron el autor a defender el trabajo como medio de transformación social y de superación del contexto desolador en que vivía el campesino. El interlocutor del poema es Perses, con quien estaba en conflicto por una herencia, pero las advertencias y las enseñanzas morales, éticas y espirituales sobre la alabanza del trabajo alcanzaron una postura colectiva. Revelando la vida del campesino, con su cultura y respeto por la Naturaleza, Hesíodo recuperó del anonimato y exaltó al campesino como un héroe novedoso que, a través del trabajo, dominó la Naturaleza y la colocó a su favor. A través de

su ‘pedagogía del ser y el hacer’, Hesíodo reemplazó al guerrero aristocrático tradicional que obtenía honor y gloria en los campos de batalla, y cantó al nuevo héroe obrero, emitiendo una voz que no sería ignorada ni silenciada.

Palabras clave: Hesíodo; Educación; Trabajo; Justicia; Virtud.

Introdução

A Grécia de fins do século VIII a. C. e inícios do século VII a. C. foi palco da ação poética de Hesíodo. Em *Os Trabalhos e os Dias*, ele descortinou as profundas transformações econômicas, sociais e espirituais que gestaram a negação da sociedade antiga. Nesse cenário de transformações, a composição do antigo quadro social, até então vigente, fundado em bases familiares e no princípio da coletividade, foi cedendo lugar à organização do trabalho (MONDOLFO, 1968).

O autor vivenciou a gênese ou a origem da *polis*¹, ou seja, do modelo de organização econômica, política e administrativa (LAFER, 1996) que se apresentou como uma experiência única, exclusiva e distintiva da civilização grega. Tal processo transformador também ensejou lutas entre grandes proprietários de terras e trabalhadores excluídos de direitos e privilégios, a exemplo dos que se dedicavam à agricultura, ao pastoreio e ao artesanato. Assim, os gregos deram início ao

¹ Cidade-Estado grega, surgiu no século VIII a.C., formada em pequeno território, cuja localização geográfica era o espaço mais elevado da região. Composta por um agrupamento urbano que envolvia todos os aspectos da vida pública daquele território, utilizava-se de uma fortaleza para a sua proteção.

rompimento com a velha ordem social e à organização de uma nova, que apontava novos rumos para suas vidas e para a sociedade grega de então.

Em *Os Trabalhos e os Dias*, Hesíodo revela que já não era possível calar as vozes dos setores populares da sociedade, ocultados por Homero em seus poemas *Ilíada* e *Odisseia* em favor dos valores e da superioridade social dos aristocratas. Ele encontrou nos setores populares inspiração para sua poesia e denunciou as duras condições de vida dos camponeses, as realidades sociais fulcralmente distintas resultantes da divisão entre aristocracia e campesinato.

Mostrando que a vida dos homens era marcada por acentuadas desigualdades, regadas pela injustiça social (SCHÜLER, 1985), ele se posicionava entre a justa medida e a desmedida. A primeira correspondia a uma justiça imparcial, por ele dignificada e solicitada; a segunda, às práticas injustas, incompatíveis com a moral. Nesse posicionamento, ressaltando que o roubo estava em pleno desacordo com a deusa Justiça, negava e reprovava essa ação que, por si mesma, afetava diretamente a moralidade.

Isto posto, cabe questionar: quais foram os referenciais míticos, materiais e sociais que levaram Hesíodo a fazer a relação entre trabalho, justiça e virtude?

Em correspondência, o objetivo do texto é analisar o poema e mostrar que, para Hesíodo, só por meio do trabalho seria possível chegar à virtude e ao processo de transformação da ordem social. Essa seria a relação que ele estabelecia entre os conceitos de justiça e de virtude e o de trabalho.

Ainda que se reconheça que trabalho é uma ideia central no poema, a clareza da análise impõe que se recorra também à abordagem dos conceitos de virtude e justiça, já que estão intimamente relacionados. Em outros termos, a compreensão de um passa pela compreensão do outro. A análise, portanto, tem como fonte primária, *Os Trabalhos e Os Dias*. O poema é fecundo para uma abordagem materialista que tem o trabalho como prática humana e agente de transformação. Para além de fonte em questão, buscou-se um referencial bibliográfico teórico e temático de

suporte, pertinente ao método de histórico de abordagem, conforme consta nas referências bibliográficas.

A exaltação do trabalhador do campo: expressão poética de um novo tempo

Por muito tempo, a Jônia era exaltada por ter uma cultura mais sistematizada e desenvolvida do que a Grécia, mantendo-se como centro da poesia e do pensamento. Provavelmente, em fins do século VIII a.C. e inícios do século VII a. C., quando surgiu a obra *Os Trabalhos e Os Dias* de Hesíodo, a poesia começou a conquistar seu espaço efetivo na Grécia. Nesse poema, o poeta encontrou na organização de mundo dos mortais, com suas obrigações, seus deveres, suas limitações e dificuldades, suas durezas e seus sofreres (LAFER, 1996), em sua própria experiência de vida e nas experiências das vidas sofridas e injustiçadas de outros camponeses dos campos da Boécia, o material fecundo para seu propósito literário. Nessa argamassa social, ele foi assentando e construindo seu pensar poético, que, adquirindo a forma de denúncia e de reivindicação de justiça social e jurídica em causa própria, estendeu-se aos demais trabalhadores, que viviam e sofriam os mesmos pesares.

Nesta reflexão, embora a preocupação seja a compreensão de trabalho que Hesíodo apresenta em seu poema, torna-se quase imperante, e até mesmo ilustrativo e enriquecedor, aproximá-lo de Homero.

Importa lembrar que Homero e Hesíodo viveram em espaços geográficos distintos. Com objetivos próprios que expressavam as condições históricas do século VIII a.C., cada um, a seu modo, representou sua realidade social por meio de uma forma poética particular.

Por exemplo, em vez do anonimato de Homero, Hesíodo gravou seu nome em *Os Trabalhos e Os Dias* e, optando por um caráter pessoal, assumiu uma postura combativa e crítica em oposição ao legado consagrado pela tradição (SCHÜLER, 1985).

Diversamente de Homero, que pôs em tela a vida dos nobres senhores, regada por festas, jogos, guerras e afeição por honra e poder, ele optou pela vida laboriosa e sofrida do camponês, por sua luta nos campos inóspitos, por sua submissão às intempéries do tempo e a uma justiça parcial, executada por juízes denunciados como corruptos e qualificados como “comedores-de-presentes” (HESÍODO, 1996, p. 25). Ao passo que o homem ideal dignificado por Homero era o herói aristocrata e urbano, cuja virtude era trazida por nascimento, fruto de sua origem nobre, o de Hesíodo era o homem rural, o camponês, cuja virtude era conquistada pelo trabalho. Esse homem simples não era reconhecido e considerado pela ordem posta: estava confinado ao anonimato e sujeito a uma justiça injusta que privilegiava atores sociais que se distanciavam desse mundo natural em que o trabalho respondia pela produção da vida.

Hesíodo não apresentava o homem como um guerreiro, a característica do herói aristocrata de Homero, mas como um trabalhador (ANDERY, 1996), cuja honra não era conquistada nas batalhas sangrentas, e sim nas difíceis, duras e penosas jornadas de trabalho nos campos, na luta contínua para garantir o mínimo que lhe permitisse sobreviver às adversidades que tinha de enfrentar (SCHÜLER, 1985).

Em vez do herói cavaleiresco representado por Homero, o ideal exaltado por Hesíodo dizia respeito ao compromisso com a labuta persistente e silenciosa do trabalho do dia a dia. Em seu poema, o heroísmo já não se efetivava nos campos de batalha, mas na luta silenciosa e constante dos trabalhadores com a terra hostil, que requiritava disciplina, dedicação, observação, condições indispensáveis à formação desse homem negado.

O heroísmo não se manifesta só nas lutas em campo aberto, entre os cavaleiros nobres e os seus adversários. Também a luta silenciosa e tenaz dos trabalhadores com a terra dura e com os elementos tem seu heroísmo e exige disciplina, qualidades de valor eterno para a formação do Homem (JAEGER, 1995, p. 85).

A relevância de seu canto, a distinção que atribuiu ao trabalho, repousava especialmente em uma evocação exata, não comprometida com a idealização da vida campestre. A fidelidade na construção das imagens balizou seus conselhos e admoestações, particularmente aqueles referentes ao dia a dia do labor na terra, em seu sentido pitoresco e em sua grandeza (ROBERT, 1987). A preocupação de Hesíodo concentrou-se nos ensinamentos de valores rurais e práticos que não tinham relação com a heroica luta nos campos de batalhas, mas com a luta do camponês humilde, submetido à fadiga e ao esforço incansável no campo, no pastoreio, no artesanato e na navegação (ABBAGNANO; VISALBERGHI, 1969).

Ele deu à poesia uma tonalidade pedagógica, apresentando-se com a autoridade e a qualificação resultantes dos conhecimentos que adquiriu. Tais conhecimentos constituíram-se em ensinamentos sobre as coisas superiores e nobres, vinculadas às virtudes de ordem ética e moral, essenciais para uma vida honrada e digna (COLOMBANI, 2020, p. 39).

Com tal orientação poética, Hesíodo mostrou-se didático, qualificado para desvelar e ensinar seu mundo, pouco ou nada valorizado pela aristocracia laureada por Homero.

Nas duas faces da poesia grega do período, revelam-se as profundas diferenças sociais que, por suas próprias naturezas, requisitavam modelos formativos diametralmente diferenciados. Em Homero, a formação do aristocrata tinha como objetivo fundamental o aperfeiçoamento de sua virtude, tida como natural, trazida pelo nascimento. Já, para Hesíodo, a virtude deveria ser obtida por meio do trabalho (GOERGEN, 2006, p. 191): somente por esse meio seria possível chegar aos domínios do bem maior, cujo fim era a honra e o progresso.

Assim, Hesíodo também pôs em debate o processo formativo grego, que não foi desenvolvido apenas pelo setor privilegiado da sociedade grega, a aristocracia, mas ganhou nos setores populares, camponeses, contornos e conteúdos bem definidos e específicos, segundo os valores do cotidiano rural e do campo (GOERGEN, 2006, p. 194).

Desvelando-os, ele tirou esses setores do anonimato e da invisibilidade que tinham naquela sociedade desigual cantada por Homero.

A educação e a prudência na vida do povo não conhecem nada de semelhante à formação da personalidade total do homem, à harmonia do corpo e do espírito, à destreza igual no uso das armas e das palavras, nas canções e nos atos, tal como exigia o ideal cavaleiresco. Em contrapartida, impõe-se uma ética vigorosa e constante, que se conserva imutável através dos séculos, na vida material dos camponeses e no trabalho diário da sua profissão. Este código é mais real e mais próximo da Terra, embora lhe falte uma grande meta ideal (JAEGER, 1995, p. 90-91).

A mentalidade veiculada por Hesíodo correspondia a outro estilo de vida, na qual eram exaltados o trabalho difícil e a ética austera (JAEGER, 1995). Tal mentalidade, embora agradasse aos deuses, buscava a justiça nas relações humanas, mostrando que se tratava de um momento histórico em que os gregos se desobrigavam de velhas e profundas tradições e, com lastro em um legado comum, apresentavam uma nova forma de viver (ANDERY, 1996).

Mesmo com essas diferenças fulcrais, é possível inferir que a preocupação comum entre os dois era promover a aproximação entre deuses e homens, a ligação entre essas duas dimensões, a humana e a divina, para que a vida na terra fosse mais racional e cognoscível. Tal objetivo tinha um duplo caráter.: por um lado, valorizava o homem, porquanto humanizava os deuses, investindo-os de forma e sentimentos próprios dos humanos e atribuindo-lhes ações relacionadas ao desenvolvimento de suas virtudes; por outro, estabelecia um vínculo de dependência entre homens e deuses. Ao mesmo tempo em que submetia o homem aos seres superiores e dava significado divino a sua vida, atribuía à vida humana uma razão terrena, um sentido mundano (ANDERY, 1996).

No entanto, observa-se uma diferença essencial entre eles: Hesíodo chamou para si a responsabilidade por salvar o patrimônio cultural dos trabalhadores, negligenciados nos poemas homéricos, que não foram poupados de suas críticas, até mesmo agressivas, por conterem a defesa e a veiculação dos ideais aristocráticos (SCHÜLER, 1985). Ao dar voz e visibilidade aos camponeses, ele se fez porta-voz do homem trabalhador, alçando-o a um novo modelo de herói, não reconhecido pela aristocracia grega, que não via outros atores sociais além de seus membros.

Em suma, com uma forma poética que representava o período de transição, contrapondo-se ao ideal da *areté*² heroica³ de Homero, voltada para a guerra e para a competição, ele apontou como objetivo da educação a *areté* do trabalho (ANDERY, 1996).

O que Hesíodo pôs à luz foi que a sociedade grega não era agitada apenas pelos feitos míticos dos heróis: outros homens desenvolviam uma luta heroica, obstinada e dura. Nesse outro tipo de batalha, a dos campos agrários, os objetivos eram a própria manutenção e a subsistência. Por exemplo, para os camponeses da Beócia, região adotada por Hesíodo, a vida se impunha de maneira laboriosa e dura, ao contrário do glorioso e remoto passado.

² No grego clássico, a palavra *areté* continha dois significados fundamentais. O primeiro se referia à perfeição corporal-intelectual-moral, ou seja, à excelência da pessoa que lhe proporcionaria o pleno desenvolvimento das qualidades e potencialidades próprias do homem; posteriormente, o sentido ficou restrito à esfera moral (PEREIRA MELO, 2021, p. 158).

³ Areté heroica: “ideal que representa o objetivo da formação/educação do homem do período mítico, no qual se destacam a força e o valor heroico, está evidenciado nos poemas homéricos *Ilíada* e *Odisseia*, um testemunho da consciência educadora da aristocracia no período homérico” (PEREIRA MELO, 2023, p. 4). Nesses poemas, Homero exaltou a habilidade do homem, um homem forte e valente, o guerreiro que respondia às necessidades da produção da vida do seu tempo. “Um ideal de perfeição humana, com base no qual o jovem aristocrata receberia uma formação integral, tornando-se apto a desenvolver um corpo vigoroso e saudável e a nobreza da alma. Nessa dinâmica, o jovem era projetado para se sobressair, ser o melhor, superior, reconhecido, credor de uma honra universal perpetua” (PEREIRA MELO, 2023, p. 4).

Enfim, o poeta, elaborou um dos exemplos mais interessantes de um diálogo entre velhos fundamentos ético-moral-religiosos (ABBAGNANO; VISALBERGHI, 1969) e os novos componentes, valores e atores sociais que perfaziam a sociedade grega do seu tempo.

O foco ampliado de Hesíodo: do pessoal para o socio-pedagógico

Sabe-se, por informações do próprio Hesíodo, que a motivação para a produção de *Os Trabalhos e Os Dias* foi a disputa com seu irmão Perses pela divisão de terras deixadas pelo pai, um mercador originário da Eolia, Ásia Menor, que posteriormente mudou-se para Ascra, na Boécia (ABBAGNANO; VISALBERGHI, 1969).

Em seu exercício literário, Hesíodo denunciou que seu irmão Perses, possivelmente arruinado por ser um mal administrador, tentava, por meio de manobras judiciais junto a magistrados corruptos por ele subornados, espoliar parte da herança que o pai deixara aos dois:

Decidimos aqui nossa disputa com retas sentenças, que, de Zeus, são as melhores. Já dividimos a herança e tu de muito mais te apoderando levaste roubando e o fizeste também para seduzir reis comedores-de-presentes, que este litígio quer julgar (HESÍODO, 1996, p. 25, vv. 35-39).

Hesíodo considerava que o irmão, por suas posturas desmedidas, precisava de conselhos sobre o campo e sobre as labutas que lhe eram inerentes: bons ensinamentos de ordem prática poderiam inseri-lo nesse mundo supostamente desconhecido por Perses (MONDOLFO, 1968). A preocupação era instar o irmão a adotar as boas práticas morais e éticas, segundo os cânones da justa medida, em contraposição ao comportamento e às práticas desmedidas que ofendiam a ele e a Zeus e o tornavam um mal

exemplo que poderia acarretar prejuízo para outros homens e para a sociedade (CÁS, 1996).

Em sua interpelação poética, Hesíodo assumiu o papel de educador, convertendo o irmão litigante em discípulo que precisava ser formado em boas práticas: seu comportamento inadequado, no entender do poeta, não era compatível com a ética e a moral desejáveis. Ao elaborar esse cenário poético-didático, o autor indicava que, em sua concepção, a educação correspondia a um processo que teria potencialidade para promover a transformação, especialmente se Perses tivesse ouvidos para os ensinamentos que lhe dirigia. O desafio educativo que Hesíodo se colocava passava, em grande medida, pela consolidação de um modelo e de uma prática moral lastreados em conteúdos éticos e morais que levariam à virtude, bem maior que poderia produzir seres humanos melhores (COLOMBANI, 2020, p. 33-34).

Para dar força e credibilidade ao poema, Hesíodo começou com uma invocação às Musas: inspirado por elas, poderia glorificar Zeus. A Invocação também tinha por fim preparar o acolhimento de suas exortações, seus ensinamentos e suas admoestações por seus pares, quiçá pela sociedade. Dessa forma, o poema assumiu um caráter pedagógico relacionado ao modo de ser e agir (CÁS, 1996).

Musas Piérias que gloriais com vossos cantos, vinde!
Dizei Zeus vosso pai hineando.
Por ele mortais igualmente desafamados e afamados,
notos e ignotos são, por graça do grande Zeus.
Pois fácil torna forte e fácil o forte enfraquece, fácil o
brilhante obscurece e o obscuro abrilhanta, fácil o
oblíquo apruma e o arrogante verga Zeus altissonante
que altíssimos palácios habita.
Ouve, vê, compreende e com justiça endireita
sentenças (HESÍODO, 1996, p.23, vv. 1-9).

Na cátedra que assumiu, Hesíodo sentiu-se à vontade para levar o irmão a ouvir as verdades das quais falava, todas resultado de experiências

pessoais, aprendidas, vividas e executadas em sua esfera de batalha, ou seja, no campo, no trabalho, na natureza. Para evidenciar mais seu propósito, nomeou Perses, revelando que era ao irmão litigante que se dirigia: “Tu! Eu a Perses verdades quero te contar.” (HESÍODO, 1996, p. 23, v. 10). Essa identificação pode ser encontrada em várias outras circunstâncias ao longo do poema, o que deixa claro que era Perses seu interlocutor:

A ti boas coisas falarei, ó Perses, grande tolo
(HESÍODO, 1996, p. 45, v. 286).

[...] mas, tu, lembrando sempre do nosso conselho
(HESÍODO, 1996, p. 45, v. 298).

Vale enfatizar que, em *Os Trabalhos e Os Dias*, além de se constituir um porta-voz dos oprimidos, Hesíodo apresentou-se como mensageiro das musas, o que fica evidente no conteúdo focado em aspectos ético-religiosos, no vocabulário e nos temas abordados (LAFER, 1996).

Amparado por esse aporte, Hesíodo mostrava-se seguro para sentenciar tais verdades ao irmão e deixava claro que tinha recebido um chamado para ser arauto da verdade, contrariando as falsas verdades aceitas por juízes corruptos (GOERGEN, 2006, p. 191). Em sua missão divina, ele tinha a obrigação de proclamar, divulgar e denunciar os malfeitos que se perpetravam naquela sociedade contra o homem trabalhador dos campos gregos.

Assim, sua demanda deixava de ter um caráter pessoal e adquiria uma dimensão coletiva. Sendo produto de um ambiente de pequenos agricultores, de uma região com escassez de terras que passava por uma crise agrícola, social e espiritual, ele expressava os interesses daqueles que eram submetidos e prejudicados por magistrados corruptos, corrompidos pelos grandes e poderosos senhores.

Esse fato permite descaracterizar a individualidade de seu propósito: o clamor seria de todos aqueles que, naquelas localidades por

ele denunciadas, sofriam as mesmas agruras e ansiavam por uma comunidade mais justa e próspera.

Suas denúncias e sua valorização do trabalho tornaram-se conteúdo de ensino, lições de caráter comunitário, assumiram uma dimensão social. Nesse sentido, fez um direcionamento ético-social do trabalho, evidenciando sua centralidade e/ou protagonismo, demonstrando sua inquietação com a conexão entre trabalho-*ethos*⁴-*dike*⁵ para orientar um modo de vida. Valorizando o trabalho, cuja ação se dava e se efetivava nos domínios da natureza, transformou-o em um ato cultural, em um código antropológico, atribuiu ao homem um habitat domiciliar (COLOMBANI, 2020, p.44), ao mesmo tempo em que elucidou as particularidades que o separavam dos imortais.

O domínio da natureza: a ação do novo herói

A natureza, entendida, portanto, como vida do campo, como o mundo do camponês, foi preocupação fundamental de Hesíodo, não como palco de prazer, alegria e felicidade, mas como cenário da contínua luta da humanidade (PEREIRA, 1998). Dela nada escapava a seu olhar de camponês, indicando que ele conhecia muito bem seu ofício, mesmo em suas mais simples manifestações:

Quando a grulha voa em direção ao sul, é preciso preparar-se para a colheita; quando o cuco canta entre as ramas do carvalho é preciso abrir mão do arado. O poeta escutou os murmúrios do bosque ao sopro dos

⁴ Essa palavra, em sua origem grega, tem o sentido de caráter moral. Evoca hábitos e crenças relativos a uma determinada comunidade ou nação.

⁵ Divindade que representa a Justiça. Personificação da justiça dos homens, da legalidade, da conformidade com as leis da cidade. No uso comum, a palavra também significa julgamento, tanto o procedimento em si como seu resultado.

ventos de Trácia, e viu os animais estremecerem e esconderem a cauda; conheceu aqueles dias estivais em que as ensurdecedoras cigarras cantam sem cessar, as cabras engordaram e o suco dos vinhedos chega a plena maturação. Também observou aquelas clamas marinhas que deixam pintado na água o traço das gaivotas (BOWRA, 1983, p. 33-34).

Respalado na formação recebida na ação ou no labor realizado no espaço em que viveu, Hesíodo detalhou ensinamentos sobre a agricultura. Enumerou em versos os dias propícios e nefastos às diversas atividades e, embora deixasse transparecer a superstição (PEREIRA, 1998), deu a tônica ao calendário do camponês e ao trabalho.

Em seu magistério, ele ensinou que, no campo, o trabalho obedecia a um ciclo cósmico e que esse discernimento do tempo trazia consigo dois aspectos: primeiro, a identificação do curso do tempo desde o início até o final; segundo, o reconhecimento de que dias e noites se intercalavam, manifestando a ordem que o universo perpetuava em seu ordenamento cósmico, ou seja, o reconhecimento das leis que regem os campos. Inspirado nessas leis, Hesíodo aconselhava como se devia proceder à semeadura, já que o trabalho desenvolvido no campo atendia a uma ordem que não estava sujeita a alterações.

Assim, ele deixava implícito seu entendimento de que essa ordenação tinha um caráter sagrado, que se evidenciava nas estações, nas colheitas, nos dias e nas noites que se sucediam em uma rotina cadenciada e permanente, determinando a adequação entre as atividades a ser executadas pelo camponês.

Nessa ordem cósmica, conforme fica claro no poema, *kósmos*⁶ e homem, em sua infinitude e vida, compunham um todo submetido a

⁶ O Universo em sua totalidade, em tudo que existe, passando do microcosmo ao macrocosmo, das estrelas aos componentes elementais. No grego antigo, a palavra significava beleza, ordem, organização, harmonia.

preceitos que lhes eram inerentes, o que sugere que o poeta estabelecia uma estreita relação com os conceitos de *sophrosyne*⁷ e *dike*. O *kósmos* requer licitude e harmonia entre seus componentes, que, assim, se ajustam em uma unicidade, colocando-se em consonância com o mesmo sistema organizatório. Tal unidade é alocada na temporalidade, ideia que se configura como uma das bases da cosmicidade.

É esse referencial de organização e justeza que Hesíodo buscou transmitir e ensinar ao irmão (COLOMBANI, 2020, p. 42-43). Como este não se integrava ou não respeitava a ordem posta, buscando caminhos tortuosos que afetavam os homens e, até mesmo, o *kósmos*, precisava da advertência:

Mas tu, lembrando sempre do nosso conselho, trabalha, ó Perses, divina progênie, para que a fome te deteste e te queira a bem corada e veneranda. Deméter, enchendo-te de alimentos o celeiro; pois a fome é sempre do ocioso companheira (HESÍODO, 1996, vv. 298-302).

Assim, a natureza ocupa o espaço central no poema, não no sentido de fonte de prazer ou felicidade, mas de espaço inóspito que impunha a constante luta da humanidade (PEREIRA, 1998). Para que a natureza fosse generosa, precisava ser conhecida, dominada e trabalhada pelo homem: conhecida, pela prática da observação atenta, respeitosa, informadora; dominada, pelo conhecimento de suas possibilidades, de seus ciclos, suas manifestações e seus sinais; trabalhada, pela prática humana que leva à transformação e ao progresso.

Assim, o poeta mostrou sua percepção da importância que a natureza expressa na terra começava a adquirir (MONDOLFO, 1968) na nova ordem social: “para quem em casa abundante sustento não tem armazenado na sua estação: o que a terra traz, o trigo de Deméter”

⁷ Controle, moderação diante de situações de conflito, justa medida.

(HESÍODO, 1996, p. 25, vv. 31-32), ou ainda, “Em festins desfrutam dos campos cultivados; a terra lhes traz muito alimento” (HESÍODO, 1996, p. 39, vv. 231-232). Ao mesmo tempo em que criticava a ociosidade, glorificava o trabalho: “Esta desperta até o indolente para o trabalho: pois um sente desejo de trabalhar tendo visto o outro rico apressado em plantar, semear e a casa beneficiar” (HESÍODO, 1996, p. 23-25, vv. 20-23).

Tudo indica a postura e a orientação que Hesíodo pretendia dar ao trabalho braçal, que ele proclamava como virtude, mesmo que fosse negado pela aristocracia e entendido como punição dos deuses:

Se trabalhares para ti, logo te invejará o invejoso porque prosperas; à riqueza glória e mérito acompanham. Por condição és de tal forma que trabalhar é melhor, dos bens de outrem desvia teu ânimo leviano e, com trabalho, cuidando do teu sustento, como te exorto (HESÍODO, 1996, p. 47, vv. 312-316).

Vale enfatizar que foi nesse cenário natural que Hesíodo encontrou seu herói: um componente da camada popular, o camponês. Sua batalha desenvolvia-se em torno de seu trabalho, no domínio da natureza (SCHÜLER, 1985); por meio do trabalho, o homem do campo podia colocá-la a seu favor e obter uma subsistência mais digna, honrada e virtuosa.

Trabalho e justiça: dois conceitos essenciais na poesia de Hesíodo

É possível pensar que a inspiração de Hesíodo para justificar o trabalho como o bem que levava à virtude, à honra e à prosperidade teve início em *Teogonia*. Nesse seu primeiro poema, a preocupação não era apenas elaborar uma organização lógica e genealógica do conjunto dos

deuses gregos, mas também fazer a exposição de mitos poéticos que representavam a origem do universo.

Isso pode ser encontrado em algumas passagens de *Teogonia*: do *Caos*, em primeiro lugar, surgiram *Érebo*, as profundezas da *Terra* e a *Noite*; em seguida, o *Éter* e o *Dia*; depois *Urano*, o *Céu* e o *Mar*. *Urano* deu origem aos *Titãs*. Um desses filhos, *Cronos*, mutilou e depôs o pai, sendo, por seu turno, derrotado pelo filho, *Zeus*, que venceu os *Titãs* e instituiu a ordem e a justiça no mundo (ABBGNANO; VISALBERGHI, 1969).

Na lógica desse raciocínio poético a respeito da ordem e da justiça, instauradas por Zeus e prezadas pelos deuses, Hesíodo versou sobre o roubo do fogo pelo titã Prometeu, do mito de *Prometeu e Pandora*. Ao fazê-lo, deixou implícito que haveria uma equivalência com o comportamento do irmão, que tentava roubá-lo por meio de uma prática injusta contrária aos desígnios divinos e, portanto, passível de punição por parte da corte olímpica, pois o roubo era uma expressão de imoralidade.

Todo o empenho de Hesíodo ao investir o trabalho de moralidade, tornando-o fonte da virtude - um diferencial na concepção de homem que orienta sua criação poética-, foi mostrar que os deuses tinham apreço pela justiça. A partir de um dado momento, os deuses passaram a valorizá-la como um ato do próprio Zeus contra o roubo, que era considerado imoral.

Para legitimar esse pensamento, Hesíodo fez luzir a deusa Justiça (*Dike*) entre os deuses (ANDERY, 1996), destacando que ela fora concebida e amada por Zeus, senhor supremo do Olimpo. Por sua relação de proximidade com o pai, ela se revestia de poderes para atribuir benefícios e honras aos comprometidos com a justa medida e punir com severidade aqueles que se dedicavam ao excesso.

Dando maior concretude e ilustração à argumentação, Hesíodo, de forma didática, figurou o embate entre *duas lutas* na terra. De um lado da tradicional deusa *Discórdia*, ele colocou *Eris maligna*, promotora da injustiça, da contenda e da guerra; de outro, colocou a *Eris benigna*, que não instigava a luta, mas a emulação ao trabalho. Em seu entendimento, esse era o único meio positivo de embates e contendas. Levando à

sabedoria, tal caminho seria construído com o trabalho, fadiga e suor, e seu resultado seria o bem-estar e a tranquilidade do homem (ABBAGNANO; VISALBERGH, 1969), pois romperia, em absoluto, com qualquer manifestação de corrupção, trapaças e roubo, ao mesmo tempo em que consagrava a justa medida entre os homens.

Em coerência com o apelo moral de todo o poema, o autor atribuiu a essas duas lutas características inteiramente distintas, aprovando e recomendando uma e negando e rejeitando a outra:

Não há origem única de Lutas, mas sobre a terra duas são! Uma louvaria quem a compreendesse, condenável a outra é; em ânimo diferem ambas. Pois uma é guerra má e o combate amplia, funesta! [...] A outra nasceu primeira da Noite Tenebrosa e a pôs o Cronida altirregente no éter, nas raízes da terra e para o homem ela é melhor (HESÍODO, 1996, p. 23, vv. 11-19).

As rivalidades representadas pelo poeta expressavam a luta entre o bem e o mal: uma era construtiva, a outra, destrutiva. A segunda, desencadeada pela aristocracia, era a promotora da guerra com o fim do saque, do botim, da obtenção de riqueza. A primeira era fomentadora da competição entre os homens, o que, para ele, resultava no desenvolvimento e na aquisição de bens em todas as demais atividades do trabalho. Ao representar essa divisão, Hesíodo despojou a aristocracia da excelência que tinha no campo de batalha e nos grandes feitos por meio dos quais efetivava sua importância e superioridade social e, em contrapartida, reconhecia e promovia outra forma de rivalidade, atribuindo-lhe sacralidade: o trabalho era imprescindível para a subsistência humana

Assim, de sua perspectiva, o irmão, ao tentar roubá-lo por ocasião da partilha dos bens de herança por via judicial corrupta, tinha desviado seu comportamento para o mal, para o reprovável, para uma prática que rompia com todos os princípios do bem-viver em sociedade. Tratava-se de uma imoralidade comportamental que constituía uma afronta direta à deusa

Justiça, filha amada de Zeus. Zelosa, a deusa velava pela prática da justiça entre os homens e punia severamente e exemplarmente todos aqueles que se colocavam em dissonância com esse bem prezado pelos deuses e protegido pelo plenipotenciário do Olimpo.

E há uma virgem, Justiça, por Zeus engendrada, gloriosa e augusta entre os deuses que o Olimpo tem e, quando alguém a ofende, sinuosamente a injuriando, de imediato ela junto ao Pai Zeus Cronida se assenta e denuncia a mente dos homens injustos até que expie o povo o desatino dos reis que maquinam maldades e diversamente desviam-se, formulando tortas sentenças (HESÍODO, 1996, p. 41-43, vv. 256-262).

Em seu poema, Hesíodo valorizou uma vivência social desejável, contrária ao mundo animal em natureza, no qual prevalecia a lei do mais forte.

Em seu exercício pedagógico, considerando que a força triunfava na ordem da natureza, apresentava o exemplo do gavião que não se compadecia do rouxinol, refém das suas garras: afinal, não havia justiça entre eles.

Assim disse o gavião ao rouxinol de colorido colo no muito alto das nuvens levando-o cravado nas garras; ele miserável varado todo por recurvadas garras gemia enquanto o outro prepotente ia lhe dizendo: “Desafortunado, o que gritas? Tem a ti um bem mais forte; tu irás por onde eu te levar, mesmo sendo bom cantor; alimento, se quiser, de ti farei ou até te soltarei. Insensato quem com mais fortes queira medir-se, de vitória é privado e sofre, além de penas, vexame”. Assim falou o gavião de vôo veloz, ave de longas asas (HESÍODO, 1996, p. 37-39, vv. 203-212).

Seu princípio era de que se entre os animais prevalecia o direito do mais forte, entre os homens deveria prevalecer o direito à justiça. Dessa forma, mostrava seu entendimento da distinção fundamental que particularizava os homens e deveria ser buscada e cultivada. O direito a que deu eco em sua voz assegurava a justiça a todos os homens, garantindo-lhes que, por meio do trabalho, poderiam retornar a uma ordem natural na qual poderiam encontrar e/ou desfrutar uma existência digna, satisfatória e virtuosa (ANDERY, 1996).

Por meio dessa argumentação poética, Hesíodo atribuiu ao próprio Zeus essa ação benfazeja a ser seguida pelos homens aqui na terra, para um viver melhor, mais digno, fundado na lisura e na honestidade comportamental. Em tal construção, destituiu-o do papel de deus guerreiro consagrado pela aristocracia e o representou como um deus que reconhecia e prestigiava o trabalho do homem do campo, marcado por todas as dificuldades que particularizavam esse labor. A recompensa para sua fadiga e seu suor seria a conquista da virtude e do bem-estar.

Assim, Hesíodo atribuiu a Zeus a condição de um deus extremamente justo, que punia os prepotentes e exaltava os humildes (ABBAGNANO, VISALBERGHI, 1969), sujeitos aos desmandos da justiça injusta favorecida pela sociedade grega desigual.

Ao mesmo tempo, com essa construção poética contraditória, mito-razão, Hesíodo atribuiu certa racionalidade entre as entidades olímpicas, a qual, em última instância, refletia-se na racionalidade dos homens e justificava, garantia e perpetrava essa mesma racionalidade no mundo. Ou seja, para Hesíodo, o mundo dos homens refletia o mundo dos deuses. Atribuir racionalidade às entidades superiores significava conferir uma racionalidade à existência humana (ANDERY, 1996). Nesse sentido, expressivas são as considerações de Werner Jaeger a respeito do quadro que se constituía na sociedade grega e cuja força espiritual e moral inspirava confiança e segurança aos homens do campo, que, assim, construíram um setor camponês.

A identidade da vontade divina de Zeus com a idéia do direito e a criação de uma nova personagem divina, Dike, tão intimamente ligada a Zeus, o deus supremo, são a imediata conseqüência da força religiosa e da seriedade moral com que a classe camponesa nascente e os habitantes da cidade sentiram a exigência da proteção do direito (JAEGER, 1995, p. 98-99).

Na perspectiva de Hesíodo, o ócio já se encontrava em dissonância com os deuses. Estes teriam mantido oculto o fogo, conforme representou no mito de *Prometeu e Pandora*, para os homens porque, se obtido este elemento, o homem se absteria do trabalho.

Oculto retêm os deuses o vital para os homens; senão comodamente em um só dia trabalharias para teres por um ano, podendo em ócio ficar; acima da fumaça longo leme alojarias, trabalhos de bois e incansáveis mulas se perderiam (HESÍODO, 1996, p. 25, vv. 42-46).

Enfim, na representação da ação de Prometeu, qual seja, a de enganar e subtrair o fogo guardado, preservado e protegido por Zeus, ele mostra que valeu a punição para o praticante do delito e para os seus pares, que doravante deveriam responder pelos seus feitos. Nessa esteira, pôs em evidência que, então, o homem deveria assumir a responsabilidade de seus atos, assumir sua historicidade. As ações externas, provenientes dos deuses, já não tinham sentido para um homem que deveria optar entre o bem e o mal e, assim, dar ele mesmo rumo à sua vida, que deveria ser orientada pela virtude.

O trabalho como virtude e não como punição

Em Hesíodo, a concepção de homem agregava-se à ideia de que somente por meio do trabalho se alcançaria a virtude (ANDERY, 1996) que capacitava o homem para fazer um mundo melhor e para viver nesse mundo melhor. Em que pese o quadro penoso e desfavorável, o trabalho era apresentado como o melhor dos bens: aquele que leva à conquista da virtude. Os caminhos eram difíceis, requisitavam persistência e luta para a conquista, o caminho oposto, o da maldade, apresentava mais facilidade e até mesmo atrativos enganosos que cintilavam como sedutores, afastando o homem da excelência.

Adquirir a miséria, mesmo que seja em abundância é fácil; plana é a rota e perto ela reside. Mas diante da excelência, suor puseram os deuses imortais, longa e íngreme é a vida até ela, áspera de início, mas, depois que atinges o topo, fácil desde então é, embora difícil seja (HESÍODO, 1996, p. 45, vv. 287-292).

Com essa argumentação, Hesíodo deu sequência à preocupação com o ensino da virtude, inestimável, essencial e indispensável para uma vida honrada e feliz. Tal aprendizagem só teria eco e se efetivaria com quem estivesse disposto a ouvir e a assimilar, com quem tivesse disponibilidade e inteligência para reconhecer e acolher esse bem maior que é a virtude, que seria capaz de elevar o homem, torná-lo um ser superior. Por isso, exortava Perses, que, com seu comportamento, mostrava-se distante desses ensinamentos:

Homem excelente é quem por si mesmo tudo pensa, refletindo o que então e até o fim seja melhor; e é bom também quem ao bom conselheiro obedece; mas quem não pensa por si nem ouve o outro é atingido no ânimo; este, pois, é homem inútil (HESÍODO, 1996, p. 45, vv. 293-297).

No entender do poeta, o caminho para atingir esse bem maior, para conquistar essa dádiva, especialmente por Perses, era o trabalho, fonte de todo o bem e toda a prosperidade. O ócio, ao contrário, só acarretaria desonra, inclusive o desagrado dos imortais.

Por trabalhos os homens são ricos em rebanhos e recursos e, trabalhando, muito mais caros serão aos imortais. O trabalho, desonra nenhuma, o ócio desonra é! (HESÍODO, 1996, p. 45, vv. 308-311).

O conhecimento que tinha de seu espaço e do trabalho, bem como da dura realidade do dia a dia, que aceitava com bravura, a exemplo de quem viveu, conheceu e recebeu uma árdua educação prática fundada nos valores dos campos, respaldou e deu lastro ao poema didático de Hesíodo, conforme ele mesmo afirmou em várias partes.

Seu didatismo também se expressou na habilidade com que tentava tornar atrativos seus conselhos e ensinamentos morais, que, em grande medida, respondiam a apelos virtuosos. Por exemplo, com graça concisa (PEREIRA, 1998), ele se referia a reações de um quando o outro conquistava a prosperidade: “[...] o vizinho inveja ao vizinho apressado atrás de riqueza [...]; o oleiro ao oleiro cobiça, o carpinteiro ao carpinteiro, o mendigo ao mendigo inveja e o aedo ao aedo” (HESÍODO, 1996, p. 25, vv. 23-26). Essa habilidade também se revela quando ele lançou mão de uma máxima prezada pelos gregos para defender a ideia de que se devia estar atento à “justa medida”, explicando o “[...] quanto a metade vale mais que o todo” (HESÍODO, 1996, p. 25, v. 40); quando proclamou que o afã pela honra não interessava ao necessitado; quanto usou de malícia poética para ironizar que “mulheres parem crianças que se assemelham aos pais” (HESÍODO, 1996, p. 39, v. 235), em uma clara referência aos novos tempos em que os homens já não deixavam seus lares pelos campos de batalhas; quando aconselhou a prática da cortesia para com os vizinhos, deixando de lado os desafetos: “Convida quem te ama para comer e deixa

quem te odeia; sobretudo convida aquele que mora próximo de ti” (HESÍODO, 1996, p. 49, vv. 342-343); quando sentenciou que a importância da camaradagem entre vizinhos era ponto de referência para a paz social: “Tem fortuna quem tem a fortuna de um bom vizinho ter; nem um só boi morreria, se mau não fosse teu vizinho” (HESÍODO, 1996, p. 49, vv. 347-348).

Assim, Hesíodo desfiou uma série de preceitos relativos ao comportamento que o irmão deveria adotar para com os outros e consigo mesmo (PEREIRA, 1998). Pode-se, portanto, pressupor que o poeta, de forma didática, incentivava os seus a adotar o respeito à prática civilizatória do bem viver entre os homens. Pode-se entender que, de sua perspectiva, a luta nos campos pela subsistência se convertia em virtude, razão pela qual sua proposta se revestia de um caráter popular. Ele se constituiu como intérprete da laboriosidade, da sabedoria prática, do realismo e do que fazer prosaico e cotidiano próprios de uma vida de esforço e de sacrifício do homem simples (SCHÜLER, 1985).

O trabalho, mesmo árduo, difícil e estafante, não deveria ser entendido como carga e muito menos como punição: era uma condição humana e indispensável para se chegar à virtude. Contrapondo-se a Homero e à noção de homem na qual se sobressaía o homem aristocrata, cuja virtude lhe era natural, cabendo-lhe apenas desenvolvê-la com suas ações heroicas nos campos de batalha, Hesíodo exaltava a condição de trabalhador. Com essa orientação geral, rompeu com a associação entre trabalho e acumulação desenfreada de riquezas e o vinculou com a dignidade da produção de uma existência virtuosa (ANDERY, 1996), princípio fundamental e elemento indispensável para uma sociedade comprometida com a justiça social.

Assim, o trabalho duro, exaustivo e fatigante do camponês foi alçado como elemento humanizador do homem, equiparando-se à coragem, bravura e ousadia do guerreiro aristocrata. Na polaridade daquela sociedade, apesar das diferenças que particularizavam seus atores, Hesíodo buscava um humanismo único e articulado que faria deles atores sociais

participantes e igualmente comprometidos com o bem e a honra (LARA, 2001).

Ao centrar a virtude no trabalho pessoal e em seu resultado, Hesíodo pôs em destaque a virtude do homem rural e, por extensão, a do homem simples do povo que, por meio de seu trabalho, além da dignidade e da vida honrada, obtinha um bem, mesmo que fosse de pouca monta. Em lugar da *areté* homérica, ele cedeu espaço à virtude resultante da persistência no trabalho cotidiano, nas lides no campo. Relacionou o ser virtuoso ao homem justo, respeitável por ganhar a vida com seu trabalho (GOERGEN, 2006, p. 196). Esse novo herói enfrentava a dureza do trabalho diário, prática humana que, para o poeta, dignificava, transformava e conduzia à superioridade e ao apreço dos imortais:

[...] deuses e homens se irritam com quem ocioso vive; na índole se parece aos zangões sem dardo, que o esforço das abelhas, ociosamente destroem, comendo-o; que te seja caro prudentes obras ordenar, para que teus celeiros se encham do sustento sazonal (HESÍODO, 1996, p. 45, vv. 303-307).

Nessa dimensão, o trabalho, o esforço diário e a prática de vida moral correspondiam a uma religiosidade que possibilitava que o homem tivesse contato com forças divinas.

Enfim, as orientações de Hesíodo assumiam um caráter espiritual, que, ao mesmo tempo, possibilitava que o desvendamento da essência das coisas tivesse fundamento na ordem social, moral e política (PEREIRA, 1998). Isso porque seus ensinamentos poético-pedagógicos diziam respeito ao trabalhador injustiçado da sociedade (COLOMBANI, 2020, p. 39-41), que, no momento, encaminhava-se para uma nova ordem, para uma nova forma de pensar e de fazer a vida, mesmo que não plenamente concretizada.

Por meio de Hesíodo, a voz desse trabalhador fez ecos no mundo grego desigual e injusto socialmente e, mesmo que não ouvida, era já uma

realidade pulsante, impossível de ser desconsiderada, desprezada e não ouvida. No cenário da Grécia primitiva, por meio do versar de Hesíodo, o trabalhador já dizia: presente!

Considerações Finais

Em termos de considerações finais, frisa-se que, em Hesíodo, encontra-se um desvendamento do homem simples do povo, um homem anônimo, invisível e negado que foi, assim, levado a um encontro consigo. O autor deu a conhecer a realidade dura, sofrida e exaustiva dos campos nos quais esse homem realizava seu labor, desconsiderado pela sociedade grega. Ele enfatizava, sobretudo, os conceitos de justiça e de virtude. A justiça, haurida do próprio Zeus, constituía o maior dos bens, fim último do homem virtuoso. Em sua potencialidade estavam as condições para a melhoria dos homens, para o abandono da força na solução de problemas e para a aproximação com a divindade. De sua perspectiva, a justiça estabelecia uma íntima relação com o comportamento equilibrado que levaria ao reconhecimento do próprio homem em seus direitos, em sua dignidade e em sua honra, a um exercício de bondade e de prática do bem. Em seu poema, ele proclamou a necessidade de uma harmonia nas relações sociais, sempre fundado na prática do bem, no respeito necessário e essencial às pessoas, à propriedade, ao trabalho, à religião do outro. Por meio desses comportamentos virtuosos, apontava o poeta, seriam aparadas todas as práticas sociais indevidas e corruptas que campeavam na Grécia do seu tempo. Assim, Hesíodo projetou o seu ideal camponês de justiça social e de perfeição humana, cujo resultado seria uma sociedade mais harmônica e justa, indistinta das matrizes sociais.

A virtude, enquanto condição precípua para formação do homem ideal grego, encontrou em Hesíodo uma íntima vinculação com o trabalho, já que apenas por meio deste se atingiria a virtude.

Nessa prática humana de transformação da natureza, nas lides duras, exaustivas e diárias do trabalho no campo, no contato com a terra, o homem desenvolveria silenciosamente a autodisciplina, suas ideias e seus valores. A força de seus braços, no trabalho braçal, lhe daria honra, dignidade e excelência moral. Ao conquistar esses bens, sendo honesto, dedicado e persistente, o camponês atingiria o primado da virtude, da excelência humana, do ideal formativo versado pelo poeta.

Enfim, com seu referencial de trabalho, Hesíodo abriu um novo horizonte de argumentação, de reflexão sobre uma nova forma vida, cujo fulcro era a própria cultura material e espiritual desse homem trabalhador. Ao mesmo tempo, apontou os caminhos para se atingir esse novo ideal de vida e de ação. A questão proposta por ele foi a da autoformação do trabalhador do campo: os próprios valores morais, éticos e espirituais que compunham seu caudal cultural levariam à virtude, à excelência e à honra, tão prezadas pelo poeta em seu cantar. Nessa ‘pedagogia do ser e fazer’, o poeta-mestre apresentou o trabalhador como um novo herói, aquele que, em vez de conquistar a honra, a virtude e a prosperidade no âmbito da guerra, conquistava-as com o trabalho no campo, dominando a natureza e pondo-a a seu favor. Pela universalidade de sua reivindicação, seus ensinamentos, que, de início, tinham um caráter pessoal, adquiriram o caráter coletivo de apelo por justiça social para o homem trabalhador. Mesmo que não o tenha feito propositalmente, o poeta promoveu a inserção desse homem do povo na sociedade grega que, tão marcada pela desigualdade e pela injustiça social, desconsiderava e negava tudo o que não fosse reflexo da ordem consagrada pela tradição aristocrática. A voz desse novo herói que o poeta-mestre pôs em tela era modesta, pouco ouvida e até mesmo desconsiderada, mas já não poderia ser silenciada porque seus ecos já ganhavam espaço e se faziam presentes na sociedade denunciada por Hesíodo.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola; VISALBERGHI, Aldo. *Historia de la pedagogía*. México: Fondo de Cultura Económica, 1969.
- ANDERY, Maria Amalia Pie Abib. *Para compreender a ciência*. São Paulo: EDUC, 1996.
- BOWRA, Cecil Maurice. *Historia de la literatura griega*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- CÁS, Danilo da. *Hesíodo: O mito e a vida*. Bauru: EDUSC, 1996.
- COLOMBANI, María Cecilia. A educação como kairós em Os Trabalhos e os Dias. *Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas*, v. 5, n. 2, p. 31-47, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34024/herodoto.2020.v5.12832>.
- GOERGEN, Pedro. De Homero e Hesíodo ou das origens da filosofia e da educação. *Pro-Posições*, v. 17, n. 3, p. 181-198, 2006.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1996.
- JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LAFER, Mary de Camargo Neves. Introdução e comentários. Hesíodo. *Os trabalhos e os dias*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1996.
- LARA, Tiago Adão. *A Filosofia nas suas origens*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- MONDOLFO, Rodolfo. *O homem na cultura antiga*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1968.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Cultura Grega. Vol. 1. Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkian, 1998.

PEREIRA MELO, José Joaquim. *Ilíada e seus heróis: uma análise dos ideais formativos dos gregos. Cadernos de História da Educação*, v. 22(Contínua), p. 1-14, 2023. DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v22-2023-175>.

PEREIRA MELO, José Joaquim. Uma discussão educativa: evolução do conceito de *paideia*. *Revista Inclusiones*, v. 8, jul./set., p. 143-161, 2021.

ROBERT, Fernand. *A Literatura Grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SCHÜLER, Donaldo. *Literatura Grega*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

Data de registro: 22/08/2022

Data de aceite: 13/12/2022